

## A importância da textualização e retextualização nas redações escolares: a correção de textos em Língua Portuguesa na sala de aula

*The importance of textualization and retextualization in school writing: the correction of Portuguese language texts in the classroom*

**Débora Torquato Neto Silva**

Pós-graduada em Revisão de Textos pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), graduada em Letras (UNIPAM).

E-mail: debora\_tor4@hotmail.com

---

**Resumo:** Atualmente, tem-se percebido a dificuldade que os alunos que acabam de sair do Ensino Médio têm em expressar suas opiniões nas provas de vestibulares, principalmente a de redação, na qual o aluno deve ter maior domínio no quesito argumentativo. A falta de recursos de argumentação e o desconhecimento das técnicas de escritura de um texto fazem com que o nível de reprovação seja cada vez mais preocupante. Por isso, verifica-se a necessidade de repensar a forma como os alunos lidam com o texto para que estratégias de textualização e retextualização façam parte do dia a dia deles. O presente trabalho objetiva descrever a importância da revisão de textos em sala de aula no que diz respeito ao conhecimento dos elementos de textualização e retextualização necessários para a produção textual, reconhecendo-os como requisitos básicos para a elaboração de um texto, a fim de que o aluno desenvolva novas perspectivas sobre um texto já escrito, operando, assim, uma nova proposta para o mesmo texto. Para tanto, foi utilizado o método dedutivo, fazendo-se uso da pesquisa bibliográfico-documental para apresentar os conceitos de textualização e retextualização e expor os tipos de correção textual pelos quais o professor pode se pautar ao realizar tal tarefa. Espera-se que este trabalho contribua para a formação dos profissionais da educação no que se refere à correção de textos em Língua Portuguesa, para que esta se torne uma atividade mais interativa e colaborativa entre professor e aluno.

**Palavras-chave:** Textualização. Retextualização. Correção.

**Abstract:** At present, it has been noticed the difficulty that the students who have just left high school have in expressing their opinions in our vestibular tests, mainly the ones of writing, in which the student must have greater dominance in the argumentative aspect. The lack of argumentative resources and the lack of knowledge of the writing techniques of a text make the level of failure increasingly alarming. Therefore, there is a need to rethink the way students deal with the text so that textualization and retextualization strategies are part of their daily lives. The present work aims to describe the importance of the revision of texts in the classroom with regard to the knowledge of the elements of textualization and retextualization, necessary for textual production, recognizing them as basic requirements for the elaboration of a text, so that the student develops new perspectives on an already written text, thus operating a new proposal for the same text. For that, the deductive method was used, making use of the bibliographic-documentary research to present the concepts of textualization and retextualization and to expose the types of textual correction by which the teacher can be guided in accomplishing such task. It is hoped that this work contributes to the education of the professionals of the education regarding the correction of texts in Portuguese

Language, so that this becomes a more interactive and collaborative activity between teacher and student.

**Keywords:** Textualization. Retextualization. Correction.

---

## *1 Considerações iniciais*

A correção de textos em Língua Portuguesa na sala de aula, pautada nos parâmetros da textualização e retextualização, tem grande importância na formação escolar do aluno, para que ele, como produtor textual, esteja inserido em uma prática reflexiva, de modo que, ao observar a correção de seu texto, tome nota da dimensão de seus erros, sendo eles gramaticais, de textualização ou do comprometimento da interpretação do texto.

Para a prática da correção textual, é necessário que o professor se adeque às formas de correção, de modo que consiga aplicar seu conhecimento, aliado aos preceitos da textualização e retextualização, ao corrigir um texto. Dessa forma, o presente trabalho verifica a importância de reconhecer a textualização e a retextualização como requisitos básicos na elaboração textual, operando uma nova proposta para o mesmo texto e as possibilidades de correção textual, comumente usadas pelos professores no momento em que se corrige um texto.

Ademais, este trabalho objetiva reiterar a importância da revisão textual realizada pelo profissional da educação com o propósito de apresentar aos discentes os princípios da textualização e da retextualização, além de estabelecer os requisitos necessários para a produção textual. Objetiva-se também delinear a relevância dos aspectos de textualização e retextualização, para que o aluno seja capaz de desenvolver novas perspectivas acerca de um texto já existente.

Ao corrigir um texto, o professor deve ter o papel de orientador do aluno, possibilitando que o educando tenha acesso ao conhecimento dos mecanismos de textualização e retextualização e que possa fazer bom uso das operações discursivas presentes na atividade de escrever e produzir textos.

Para a elaboração do presente artigo, foi utilizado o método dedutivo, por meio de pesquisa bibliográfico-documental. O trabalho está dividido em: conceituação, revisão bibliográfica, comentários, considerações finais e referências.

Espera-se que esta pesquisa contribua com os estudos sobre revisão de textos em sala de aula, com foco na textualização e na retextualização.

## *2 Texto e textualidade*

Um texto é uma unidade significativa composta pela produção de ideias articuladas conforme estabelece a situação na qual o diálogo acontece, de forma que sempre proporcione interação entre autor e leitor. Costa Val (2004, p. 113) define texto como “qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução”. Em vista de tal conceito, a seguir, serão discutidos os elementos da textualização, os quais compõem um texto.

Segundo Costa Val (2004, p. 114), a palavra textualidade “foi definida por Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Dressler, no livro *Introduction to Text Linguistics*, de 1981, como o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases ou palavras”, porém, em 1997, foi verificado, pelo próprio Beaugrande que o termo textualidade não compreendia uma fórmula absoluta, ou seja, um texto produzido com os elementos de textualidade que o constituem não possui em si mesmo seu sentido e suas particularidades, portanto, não poderá ser compreendido diante de circunstâncias para as quais ele não foi produzido, tornando-se incompreensível para determinado público. Sendo assim, todo texto deve ser interpretado de maneira diferente por diferentes leitores, a depender da situação sociocomunicativa.

Diante de tais argumentos, é possível dizer que os fatores da textualidade não são, por si sós, aplicáveis a qualquer texto, encaixam-se perfeitamente em qualquer situação sociocomunicativa. A comunicação é um processo no qual as características da textualidade moldam o texto, quais sejam: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade, que, aplicadas corretamente ao texto, o tornam compreensível. Desse modo, Beaugrande (1997) formulou a atualização do conceito de textualidade, o qual passa a ser tratado como um processo, denominado *textualização*.

### 2.1 Textualização

De grande importância em um texto, os elementos de textualização que o compõem devem estar bem articulados e em sintonia com o todo, pois não basta haver somente coesão e coerência se forem deixados de lado os aspectos de informatividade ou aceitabilidade, por exemplo. O autor deve estar ciente da importância de cada um dos elementos da textualização, assim brevemente detalhados:

- **Coerência:** refere-se ao sentido do texto, abrange aspectos lógicos, semânticos e cognitivos, o que permite ao leitor interpretar o texto a partir do seu conhecimento de mundo, ou seja, o sentido é construído por quem interpreta o texto.

A coerência tem a ver com as ‘ideias’ do texto, com os conceitos e as relações entre conceitos que esse texto põe em jogo: de que tópicos o texto fala, o que diz sobre eles, como organiza e articula esses tópicos (por exemplo, com relações de causa/consequência, ou de anterioridade/simultaneidade/posterioridade, ou de inclusão/exclusão, ou de semelhança/oposição, ou de proximidade/distância). Quer dizer: a coerência tem a ver com conhecimentos e informações. Ouvir ou ler um texto e entendê-lo, considerá-lo coerente, significa conseguir processá-lo com os conhecimentos e a habilidade de interpretação que se tem e, então, avaliá-lo como compatível com esses conhecimentos (COSTA VAL, 2004, p. 115).

- **Coesão:** é a representação lexical de conceitos e relações no texto, os quais são apresentados na superfície textual para dar unidade de sentido ao texto, sendo de dois tipos: referencial e sequencial. É possível afirmar que a coerência e a coesão são fundamentais na escrita do texto, como aponta Costa Val (2006, p. 7), baseada nos

conceitos de Beaugrande e Dresler (1981), ao dizer que “a coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão à expressão desse nexos no plano linguístico”.

- **Intencionalidade:** ao produzir um texto, o autor deve ter previamente estabelecido qual sua intenção ao abordar determinado assunto, ou seja, o texto pretende informar, convencer ou impressionar seu leitor? No momento em que pensa em tais quesitos, quem escreve deve elaborar um contexto coerente e conciso para que sua intenção seja alcançada. Segundo Costa Val (2006, p. 10), “concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa”.

- **Aceitabilidade:** no momento no qual o texto é lido, o leitor avalia se aquele conteúdo teve alguma relevância, se é útil, ou ainda, se contribui na aquisição de conhecimentos, estabelecendo, portanto, uma ponte entre o escritor e o leitor final, o que torna a aceitabilidade um fator a se considerar na escritura de um texto. Costa Val (2004, p. 117) diz que “a grande questão não é se a fala ou escrita ‘tem’ ou ‘não tem’ coerência, mas sim se ela se apresenta de modo a facilitar o trabalho de textualização por parte dos alocutários”, de forma que permita que o texto seja aceito.

- **Situacionalidade:** Costa Val (2006, p. 12) diz que é a “adequação do texto à situação sociocomunicativa”, ou seja, é a relevância daquele texto para o contexto no qual ele se encontra, para tanto, “em determinadas circunstâncias, um texto menos coeso e aparentemente menos claro pode funcionar melhor, ser mais adequado do que outro de configuração mais completa” (*idem*).

- **Informatividade:** refere-se às informações que o texto traz em seu contexto, à qualidade de tais informações e ao grau de novidade que o autor consegue exprimir ao longo de sua composição textual, ou seja, “se o nível de novidade que [os leitores] reconhecem num texto lhes parece baixo, eles tenderão a avaliá-lo como inútil, enfadonho, decepcionante; mas, por outro lado, se o nível de novidade parecer alto demais, não será possível entender o texto e a tendência então será rejeitá-lo” (COSTA VAL, 2004, p. 116).

- **Intertextualidade:** Está relacionada ao conhecimento de mundo do leitor e sua capacidade de relacionar o texto atual a outros textos que tenha lido, pois, muitas vezes, o autor dialoga com outros discursos, sendo assim, os textos se atravessam de forma recíproca. De acordo com Costa Val (2004, p. 116), “cada texto retoma textos anteriores, reafirmando uns e contestando outros e, utilizando sua ‘matéria prima’, se inclui nessa ‘cadeia verbal’, pedindo resposta e se propondo como ‘matéria prima’ para outros textos futuros”.

Além dos fatores já citados, é preciso ainda analisar se a coerência e a coesão respondem a quatro aspectos essenciais, propostos por Charolles (1978 *apud* COSTA VAL, 2006), sendo eles: continuidade, progressão, não contradição e articulação, conforme breve detalhamento a seguir:

- **Continuidade:** é quando há retomadas ou repetições ao longo do texto; tais retomadas podem ser de elementos como conceitos, pronomes ou expressões sinônimas, garantindo assim uma sequência lógica de frases. Costa Val (2006, p. 21) reitera que “um dos fatores que fazem com que se perceba um texto como um todo único é a permanência, em seu desenvolvimento, de elementos constantes”.

- **Progressão:** diz respeito a adicionar novas informações ao que já foi citado, o

autor deve fazer retomadas dos conceitos anteriores de forma que acrescente novos dados no intuito de progredir o sentido do texto, sem se limitar a uma simples repetição, portanto, “são esses acréscimos semânticos que fazem o sentido do texto progredir e que, afinal, o justificam” (COSTA VAL, 2006, p. 23).

- Não contradição: Costa Val (2006, p. 25) aponta que “o texto precisa, em primeiro lugar, respeitar os princípios lógicos elementares”, portanto, refere-se a não contradizer o que já foi dito. Dessa forma, para manter a coerência, não se pode afirmar como sendo verdadeiro algo que já foi declarado como falso, as informações “têm que ser compatíveis entre si, não só no que trazem explícito como também no que delas pode concluir por pressuposição ou inferência” (*idem*).

- Articulação: configura-se na relação e congruência que os elementos apresentados no texto possuem entre si. Costa Val (2006, p. 28) aponta “dois aspectos a serem verificados: a presença e a pertinência das relações entre os fatos e conceitos apresentados” e explica que o texto pode estar bem articulado mesmo quando o autor não estabelece ligações linguísticas formais entre os fatos e conceitos, sendo assim, o texto se relaciona no plano lógico-semântico sem qualquer problema, de outra forma, quem escreve, pode se utilizar de conjunções, advérbios ou articuladores lógicos do discurso. Enfim, a articulação textual refere-se à “maneira como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns com relação aos outros, que valores assumem uns em relação aos outros” (*idem*, p. 27).

Por tais razões, os elementos de textualização constroem um caráter para o texto. Desse modo, de acordo com as características de uma produção textual, pode-se facilmente compreender a mensagem que o autor pretende transmitir. Para tanto, alguns elementos, como a suficiência de dados no texto, a intertextualidade, sua adequação ao contexto sociocomunicativo e fazer uso das propriedades de coesão e coerência com aptidão são fundamentais para que seja eficiente a situação de interação entre autor e leitor.

### 3 O gênero textual como parte fundamental da retextualização

Ao abordar os gêneros textuais, exclusivamente nas condições de retextualização, pode-se inferir que se trata de um processo no qual um texto, inicialmente apresentado em uma determinada modalidade, seja modificado conforme a situação comunicativa na qual o autor deseja inserir o conteúdo do texto-base em uma nova forma textual, idealizada em novo texto, com novo formato e que atuará em um novo tipo de interação, a qual abranja perspectivas diferentes das que continha o gênero anterior.

Partindo da noção de que os gêneros textuais são práticas discursivas sociais, as quais se veiculam em diversos tipos de suportes, entende-se que os gêneros têm função exclusivamente comunicativa

e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na interação de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em

designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária [...] e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas (MARCUSHI, 2008, p. 155).

Em vista disso, o gênero torna-se parte fundamental para a retextualização, pois é a partir dele que se pode produzir toda e qualquer espécie de texto, dentro das condições comunicativas, sociais e textuais. No contexto escolar, a noção de gênero permite que o aluno entenda o funcionamento da língua e possibilita a prática de atividades culturais e sociais, ao passo que contribui também com seu desenvolvimento cognitivo quando se trata do texto escrito, permitindo que sejam feitos ajustes em qualquer tipo de texto, pois, embora o gênero possua um padrão, não é impedido que o aluno faça ajustes conforme dita seu intelecto.

Desse modo, trabalhar com gêneros textuais em sala de aula é fundamental na compreensão de que o gênero é parte essencial na produção textual. Portanto, é importante promover atividades que estimulam o aluno a desenvolver suas habilidades comunicativas em diferentes gêneros e a expandir seus conhecimentos prévios. Assim, promover atividades que envolvam produções textuais, tanto orais quanto escritas, adequando à situação comunicativa, faz com que o aluno seja capaz de interpretar e produzir textos com facilidade, de acordo com o contexto social.

#### *4 A importância da retextualização em textos escolares*

A retextualização consiste na produção de novo texto a partir de um texto já existente, com a proposta de que o novo texto seja elaborado em atividade que envolva mudança de gênero textual com características distintas do texto anterior e adequação à situação e ao contexto no qual irá atuar o novo texto. Para Matencio, retextualizar

envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade (MATENCIO, 2003, p. 3-4, *apud* D'ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 66).

Dessa forma, o mesmo texto pode se manifestar de diferentes formas e em diferentes suportes, a depender da situação sociocomunicativa na qual ele irá operar, sendo assim, pode-se dizer que o texto é mutável e pode ser adequado conforme convém a cada situação. Uma forma fácil de explicar a retextualização é quando se tem, por exemplo, um texto escrito no gênero notícia, no qual o assunto seja o empate de um jogo de futebol. Ao implementar os ajustes necessários, o mesmo texto poderá ser redigido de forma que se torne uma crônica, uma carta, um artigo de opinião ou até

mesmo uma piada, contanto que não perca o seu sentido original.

Tendo-se definido o conceito de retextualização, vale ressaltar que retextualização e reescrita<sup>1</sup> não possuem significações totalmente equivalentes. Na reescrita, trabalha-se sobre o mesmo texto, sugerindo então que seja manipulado do escrito para o escrito. Como afirma Matencio (2002 *apud* D'ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 66), “é atividade na qual através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto”, diferente da retextualização, na qual, elaborar novo texto implica uma mudança de propósito, portanto, “pode-se propor que toda retextualização é reescrita, mas nem toda reescrita gera uma retextualização” (D'ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 66).

Portanto, a retextualização permite que o aluno lide de diferentes formas com um texto escrito passando-o para outros gêneros, dotados de diversos graus de dificuldades. Por exemplo, passar um texto jornalístico para uma peça teatral que envolva falas, gestos e sonorizações, ou, simplesmente, instigar o aluno a elevar a criatividade ao elaborar uma piada a partir de um gênero qualquer.

Por tais razões, a retextualização contribui para o desenvolvimento não só dos aspectos linguísticos e textuais do aluno, mas também de seu cognitivo, pois o educando precisa ter originalidade para que o gênero inicial seja excluído e sua ideia seja preservada em um novo gênero, por vezes mais dinâmico, que exige seu empenho na produção inédita.

### 5 Os processos de retextualização nas redações escolares

Escrever um texto que seja facilmente compreendido pelo leitor abrange uma série de artifícios, os quais devem ser observados com atenção a cada texto. Considerando que cada processo de retextualização possui suas características, é necessário que o aluno conheça cada uma delas para que possa empregá-las corretamente durante a elaboração de um texto.

As atividades de retextualização que se caracterizam na mudança de um gênero escrito para outro gênero escrito como exercício de sala de aula implicam o aluno ter que lidar com sequências discursivas variadas, reformulação de ideias e adequação das características do texto-base para o texto em novo gênero, pautando-se nos critérios de textualização e abarcando todas as possibilidades da língua escrita para elaboração do novo texto.

Ao elaborar a retextualização de um texto falado para um texto escrito, por exemplo, o aluno deve observar que a passagem do texto oral para a

---

<sup>1</sup> Embora “reescrita” não seja tema deste estudo, remete-se o leitor aos trabalhos de GONÇALVES, Adair Vieira. *Gêneros Textuais e Reescrita: uma proposta de intervenção de Língua Materna*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v10n1/v10n1a02.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2018; e MENEGASSI, Renilson José. *Da revisão à reescrita: operações linguísticas sugeridas e atendidas na construção do texto*. Disponível em <[https://secure.usc.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis\\_v22\\_n1\\_2001\\_art\\_03.pdf](https://secure.usc.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v22_n1_2001_art_03.pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2018.

escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não pode ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, *a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem* (MARCUSCHI, 2010, p. 47, grifos no original).

Pelo exposto, pode-se afirmar que tanto a fala quanto a escrita possuem características semelhantes, porém é preciso observar as características dos dois gêneros em foco para fazer as adequações necessárias ao texto. Por exemplo, uma entrevista no rádio, ao ser redigida no gênero relato, sofrerá alterações específicas do novo gênero de que se tratará.

Da mesma forma, quando se refere do texto escrito para o texto falado, o fator determinante fundamental é novamente o gênero. O roteiro de uma peça de teatro, por exemplo, possui diversos turnos de fala, descrição de cenário e detalhamento de toda a peça, a fim de se obter uma representação falada e gesticulada o mais próximo do conteúdo escrito; ou então, seguindo a mesma linha de exemplos, a apresentação de um debate também possui as individualidades do gênero, o qual consiste em discutir publicamente algum tema, tendo como roteiro perguntas pertinentes.

Pode-se concluir, portanto, que o gênero é parte fundamental no processo de retextualização, visto que todos possuem suas individualidades e há uma grande variação de estilos, não sendo possível estabelecer um padrão a ser seguido. Porém, é válido ressaltar que as características de textualização devem estar presentes em todas as atividades que envolvam produção textual.

## ***6 Correção de textos em Língua Portuguesa na sala de aula***

A correção de um texto (ou correção de redação, como comumente se diz no meio escolar) não se idealiza somente na revisão dos aspectos gramaticais ou se limita à adequação à norma culta, mas se pauta em uma correção mais detalhada acerca dos aspectos semânticos, de textualização, progressão e articulação do texto, que levem o aluno à reflexão sobre quais são realmente os impactos dos erros contidos na produção textual, como, por exemplo, comprometer-se completamente o sentido do texto. Ruiz (2013, p. 27) afirma que a correção da redação de um aluno

é o trabalho que o professor (visando à reescrita do texto do aluno) faz nesse mesmo texto, no sentido de chamar a sua atenção para algum problema de produção. Correção é, pois, o texto que o professor faz por escrito no (e de modo sobreposto ao) texto do aluno, para falar desse mesmo texto.

Portanto, as correções textuais em sala de aula são de grande relevância quando se trata da qualidade da produção textual, pois uma avaliação detalhada acerca dos erros do aluno permite que este veja em seu próprio texto uma oportunidade de aprimorar sua capacidade de escrita.

Ruiz (2013) aponta quatro tipos de correções realizadas por professores. Começa pela correção indicativa, que consiste em marcar frases e períodos completos, nos quais existem erros, e realizar neles indicações das falhas, atendo-se a mínimas correções no texto do aluno.

Posteriormente, há a correção resolutive, na qual o professor verifica no texto do aluno todas as falhas e ele mesmo as corrige, reescrevendo, se for o caso, o parágrafo todo, sendo necessário um esforço maior por parte do docente, já que exige que este interprete as intenções do aluno, proporcionando-lhe um texto correto.

No modelo de correção classificatória, o professor faz uma marca ou indicação no erro e, subsequentemente, classifica-o de forma que, quando o aluno vir a marca da classificação, saberá exatamente qual erro cometeu.

Por último, na correção textual-interativa, o docente escreve comentários ao final do texto do aluno, ou mesmo no corpo do texto, para que este fique ciente dos erros ou incoerências textuais encontradas pelo professor que fez sua correção.

Além de conhecer e aplicar os tipos de correção mais adequados a cada texto, o professor deve se preocupar também com os métodos que irá utilizar para corrigir as produções textuais, pois os parâmetros ajudam a identificar com mais facilidade o que se deseja corrigir. Verifica-se que erros grosseiros são visivelmente percebidos no plano textual, porém, para perceber os erros mais sutis, que também prejudicam o texto, o professor deve ter uma lista de critérios a serem observados no texto, para que, ao lê-lo de forma detalhada possa barrar possíveis falhas cometidas pelos alunos. O quadro 1, a seguir, exemplifica alguns critérios que podem ser observados pelo professor:

**Quadro 1: Critérios para correção de texto inteiro**

CRITÉRIOS PARA CORREÇÃO DAS PRODUÇÕES DE TEXTO INTEIRO					
O que o aluno deve ser capaz de fazer		1 INSUFICIENTE	2 RAZOAVEL	3 BOM	4 MUITO BOM
I	Compreender e desenvolver o <u>tema</u> proposto de acordo com o contexto de produção solicitado.	<b>TEMA:</b> - <u>não compreende</u> o tema solicitado ou desenvolve uma produção que apenas tangencia.	<b>TEMA:</b> - compreende e desenvolve <u>razoavelmente</u> o tema, ainda que a partir de clichês ou paráfrases.	<b>TEMA:</b> - compreende e desenvolve <u>bem o tema</u> , apresentando apenas o esboço de um projeto próprio para o recorte temático.	<b>TEMA:</b> - compreende e desenvolve <u>muito bem</u> o tema com base em um projeto pessoal para o tema proposto
II	Elaborar um texto de acordo com o <u>gênero</u> proposto.	- elabora um texto com <u>estrutura narrativa embrionária e/ou mistura tipos de texto</u> sem uma justificativa pautada no contexto de produção	- elabora <u>razoavelmente</u> uma narrativa, mesmo apresentando pouca condução na organização dos seus elementos (foco narrativo, ponto de vista, personagens, caracterização, tempo, espaço, enredo).	- <u>elabora bem</u> uma narrativa, mesmo apresentando desvios na organização dos seus elementos (foco narrativo, ponto de vista, personagens, caracterização, tempo, espaço, enredo) e apresenta um elemento complicador para sua história, um clímax e um desfecho satisfatório, mesmo que previsível.	- elabora <u>muito bem</u> uma narrativa, com organização dos seus elementos (foco narrativo, ponto de vista, personagens, caracterização, tempo, espaço, enredo) e apresenta um elemento complicador, um clímax e um desfecho original para a sua história.
III	<u>Organizar o texto de forma lógica e produtiva</u> demonstrando conhecimentos dos mecanismos linguísticos e textuais necessários para a construção do texto	Organiza <u>precarosamente</u> as partes do texto, apresentando grande dificuldade em registrar os fatos e em dar continuidade ao sentido do texto; produz um grande número de justaposição de palavras e/ou frases pouco relacionadas entre si.	Organiza <u>razoavelmente</u> as partes do texto, demonstrando alguma dificuldade para dar continuidade de sentido e/ou para manter a progressão temática; apresenta problemas frequentes de inadequação na utilização dos recursos coesivos.	<u>Organiza bem</u> as partes do texto, podendo apresentar problemas pontuais na utilização dos recursos coesivos, entretanto, estabelece uma continuidade de sentido e/ou uma progressão temática satisfatória.	-organiza <u>muito bem</u> as partes do texto, utilizando os recursos coesivos de forma adequada e variada, mesmo apresentando, eventualmente, problemas pontuais no uso dos elementos coesivos.
IV	<u>Utilizar os conhecimentos linguísticos da norma padrão</u> para o texto escrito.	-apresenta <u> muitas inadequações gramaticais</u> e/ou transgressões na escrita (ortografia, pontuação, organização gráfica) cuja utilização não está justificada pelo contexto; utiliza formas pertencentes à oralidade injustificáveis pelo contexto.	-apresenta <u>algumas inadequações gramaticais ou transgressões na escrita</u> (ortografia, pontuação, organização gráfica); formas pertencentes à oralidade empregadas sem justificção pelo contexto, são raras.	- <u>demonstra bom conhecimento</u> da norma-padrão para o texto escrito, utilizando bem variante linguística do tipo de texto solicitado e do contexto de produção apresentando algumas inadequações gramaticais ou transgressões na escrita.	- <u>demonstra muito bom conhecimento</u> da norma-padrão, sabendo utilizar muito bem a variante linguística do tipo de texto solicitado e do contexto de produção, com raríssima inadequação gramatical e ortográfica.]

Fonte: Nova Escola (2018).

Para se orientar nas correções de redação, é interessante que o professor adote critérios fixos, como exemplificado acima, a serem cobrados no texto do aluno. O professor pode, por exemplo, escrever em um quadro opções como coesão, coerência, tema, conteúdo e apresentação textual e enumerar cada um dos itens, a fim de verificar quais foram os pontos que o aluno acertou e quais ele precisa melhorar. Assim o docente poderá cobrar com mais veemência os tópicos em que houve falhas na escrita, tornando a correção mais prática e didática. Para facilitar o processo de correção, o professor pode também sinalizar para o aluno, nas margens ou ao final do texto dele, quais foram seus erros, bem como anotar observações.

Assim, corrigir um texto é uma atividade que exige critérios específicos, vinculados ao processo de textualização, e requer a habilidade didática do professor, pois, ao fazer a correção de redações escolares, o docente assume o papel de gestor da educação, oferecendo aos alunos oportunidades de acesso a uma educação de qualidade no que tange às produções textuais em Língua Portuguesa na sala de aula.

### *7 Considerações finais*

A correção textual em sala de aula está intimamente ligada aos critérios da textualização e às várias abordagens de retextualização, conforme demonstrado ao longo deste texto. Sendo assim, entendemos ser necessário que o professor utilize a retextualização como técnica de correção textual.

Ao analisar os critérios da textualização e sua relevância no texto, foi verificado que o conhecimento destes elementos faz-se importante na elaboração do texto, pois a coerência, a coesão, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade são responsáveis por atribuir um caráter para o texto, fazendo com que seu objetivo seja alcançado, ou seja, que ele seja compreendido.

Já com relação à retextualização, foi possível verificar a relevância de produzir um novo texto a partir de um texto-base, o que proporciona que o aluno tenha contato com a diversidade de gêneros, interação textual, estimulação da criatividade, contribuindo para o desenvolvimento da cognição, de mecanismos linguísticos e dos aspectos gramaticais do texto.

Por último, foram exemplificados critérios de correção pelos quais o docente pode se orientar para corrigir as produções textuais dos alunos, no intuito de que esta atividade se torne mais ágil e didática. A correção de texto realizada pelo profissional da educação é de suma importância para o desenvolvimento das habilidades discursivas do aluno, devendo sempre ser realizada com base em critérios de correção fundamentados, para que o objetivo da revisão textual seja atingido com êxito.

Acredita-se que o trabalho do professor na intervenção dos textos dos alunos de forma didática seja de suma importância para a evolução do educando, levando-o a um melhor desempenho nas produções de textos, bem como à reflexão sobre o propósito comunicativo e as relações de sentido do texto.

Em suma, a pesquisa abrangeu conceitos de temas importantes, como a discussão dos mecanismos de textualização e retextualização, bem como possibilitou o conhecimento das operações linguísticas atuantes na atividade de escrever, além de

relatar a importância de operar uma nova proposta para um texto já existente.

Em razão de tais fatores, espera-se que este trabalho contribua com os estudos na área de correção de textos, mostrando a importância de se trabalharem os aspectos da textualização nas produções textuais. Novas pesquisas sobre o tema são bem-vindas, pois há ainda muito que se discutir quando o assunto é a produção textual nas escolas.

### *Referências*

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to Text Linguistics*. Longman, 1981.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. v. 1, p. 113-128.

D'ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas – Atemática*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 64-74, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NOVA ESCOLA. *Critérios para correção das produções de texto inteiro*. Disponível em: <<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/tvNDZsmXz5AmRXSVYysqUjf4qp3Hnwmy4wR6AwcU4A4WPSsAteQ6RJ6Cfx9p/quadro-criterios-correcao-textos.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. *Como se corrige redação na escola*. São Paulo: Contexto, 2013.